

Coletivo invisível e os devires menores

por ALESSANDRA APARECIDA DE MELO*

Abstract

What repeats itself on the skin? What is repeated in the gesture? What is repeated in the images? What is repeated in the writings? What resists the homogenization of the institutional machine that seeks to frame adolescents in compliance with socio-educational measure in deprivation of liberty? A collective work looks for possibilities of thinking about the production of images and words on the floor of the classroom. How to think education walking with concepts of the philosophy of difference in a place of deprivation of liberty? During two years inspired by the philosophy of Deleuze and Guattari we produced images and words within the formal education classes of Fundação Casa, an institution in which adolescents fulfill socio-educational measures in deprivation of liberty in the state of São Paulo, Brazil. Images-words, words-images that promoted repetitions, folds and pairings, distances, connections and questions. How does this “di menor” confinement create escape lines? How does this Invisible Collective create a world? Collectives operate as rhizomes by dragging all sorts of things, «their complex and multiple character is defined by the “outside”, because they always find their “escape lines”, but these lines remain part of the rhizome» (Deleuze & Guattari 1995: 17). A great rhizome, a collective «in which it no longer has any importance to say or not to me. We are no longer ourselves. Each one will recognize his own. We were helped, aspirated, multiplied». (Deleuze & Guattari 1995: 11), we are the utopia of the present.

Primeiro a filosofia nunca esteve reservada aos professores de filosofia. É filósofo quem se torna filósofo, isto é, quem se interessa por estas criações muito especiais na ordem dos conceitos.

Deleuze & Guattari

Este artigo aborda experiências e experimentações ocorridas dentro das aulas de ensino formal da disciplina de filosofia da Fundação CASA, lugar no qual menores infratores são mantidos em privação de liberdade na cidade de Campinas, SP, Brasil. Também trazemos aqui forças de vida, traços da pele, e marcas destas jovens vidas. Em

* Mestre em educação UNICAMP - linguagem é arte em educação 2019. Especialista em ensino de filosofia UFSCar 2019. Bacharel e licenciada em Filosofia UNICAMP 2015. O artigo pertence a pesquisa de mestrado que desenvolvi na Faculdade de Educação “Di menor’: filosofia da diferença, dobras, imagens e passagens entre vozes marginais da cidade e a Fundação CASA” Orientadora: Profa. Dra. Alik Wunder.

duas aulas semanais houveram encontros com as turmas durante minha passagem como professora na escola da Fundação Casa entre 2015 e 2017, este fato foi disparador da pesquisa de mestrado: “Di menor”: filosofia da diferença, dobras, imagens e entre vozes marginais da e a Fundação CASA”, que foi realizada na Faculdade de Educação da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). Na Fundação CASA a sala de aula branca de portas de aço e grades amarelas abriga uma população variável de meninos que vai de doze a trinta dependendo do período que demora a passagem de cumprimento da medida socioeducativa.

As práticas aqui relatadas foram inspiradas pela filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Na obra *Kafka. Por uma literatura menor* (1977) estes autores referem-se a escrita de Kafka como a uma língua menor assim chamada por se aproximar de uma manifestação de grupos minoritários que fazem uma utilização particular da língua oficial, a chamada língua maior. Kafka traz personagens que são excluídos assim como os “di menor” da Fundação Casa. Sua literatura fala de devires menores, de grupos minoritários que são assim chamados não por seu tamanho ou pelo número de indivíduos que os compõem, mas sim pela exclusão pela qual passam, pelas condições nas quais estão inseridos, assim são os “di menor”. Meninos infratores no Brasil são vulgarmente chamados de “di menor”, referência ao fato de possuírem menos de dezoito anos e não responderem como adultos por seus crimes. Buscamos aqui realizar uma dobra nesta ideia da literatura menor kafkiana. A ideia de algo que ocorre nos vãos assim como um “di menor” em sua relação com o mundo e com a nossa prática de sala de aula.

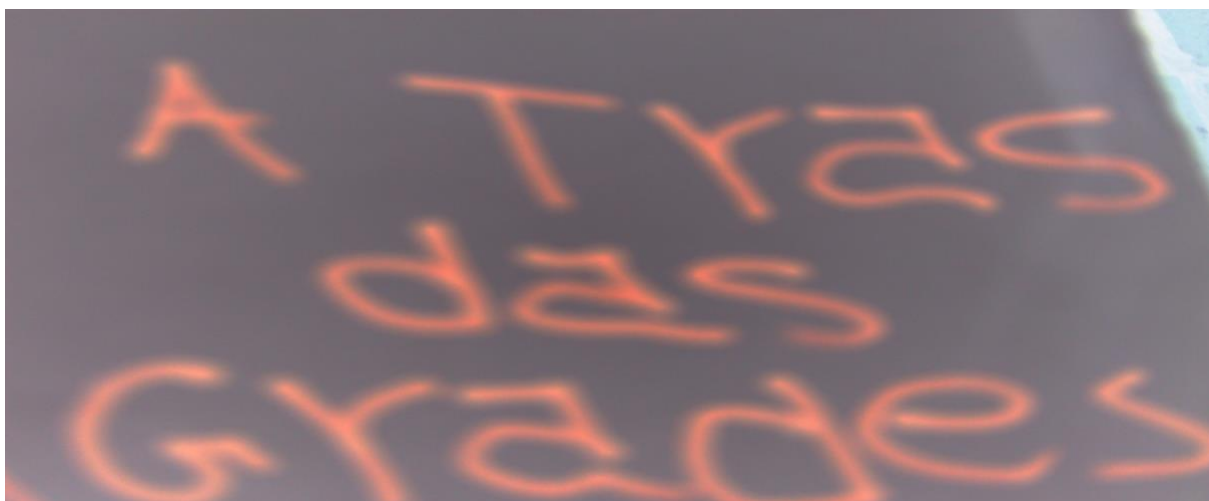
Uma prática que venha de encontro com as produções e pensamentos disparados em sala de aula, que esteja aberta a deriva da própria ação e desperte o que há de mais complexo e imprevisível. Mover-se mesmo com todas as forças contrárias, levamos aos meninos da Fundação um convite a inserir-se em um fluxo. A apresentação de um tema filosófico, um conjunto de imagens dos mais diversos tipos, espaços-tempo de criação coletiva em torno de um tema e de pesquisa. Convites, inventos que «movem-se de formas diversas pelo tríptico –educação, arte e filosofia, dedicando-se especialmente ao estudo das imagens» (Wunder, Marques & Amorim 2016: 109).

Desejamos dar passagem, como professora de filosofia a um devir coletivo de criação imagética e filosófica neste território de pesquisa que se instaura não somente pela produção de imagens, mas também pela vida na Fundação Casa e por seus fluxos de entrada e saída de adolescentes. Buscamos possibilitar uma aula rizomática sem começo nem fim, pois «um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo» (Deleuze 2004: 37). Assim como um rizoma pensamos uma prática de sala de aula que não se feche em si mesma, mas sim que permaneça em constante movimento. Rachar conceitos em sala de aula, arrastá-los em diversas direções. As linhas mínimas vazam o contido, extravasam silêncios e gritos, reinventam a vida e a juventude em caminhos dantes desconhecidos, já que: «as coisas

nunca se passam lá onde se acredita, nem pelos caminhos que se acredita» (Deleuze & Parnet 1998: 12).

Desejamos pensar e experimentar com as ressonâncias dos encontros com estes jovens com imagens, com palavras que se dobram em devires menores. «Pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer» (Deleuze 1992: 136).

Mas que foi produzido nessas dobras? O que move as criações textuais e imagéticas? Os agenciamentos e dobras produzidos pelo deslocamento nos territórios atravessados compõem na fronteira improvável. Acontece uma inclusão daqueles que estão às margens, uma imaginação que recolhe, que recorta textos e imagens. As imagens que permeiam este texto foram produzidas pelos adolescentes durante as aulas e por mim em manipulações digitais e manuais.



“Di menor” não tem rosto, cresce todo dia na favela e é aliciado por facções criminosas, se mata, corre na periferia, segura fuzil, vende drogas. “Di menor” alcunha frequente atribuída aos meninos que trabalham para o tráfico de drogas no Brasil. Dizem por aí que “di menor” é até piloto de fuga, e se por um lado traz tatuagens com símbolos religiosos e evoca a justiça divina, por outro empunha a arma e puxa o gatilho. “Di menor” escreve muito bem, é gerente do tráfico de drogas. Que relações dinâmicas de devir, multiplicidade, expansão carregam em suas falas? “Di menor” cresce todo dia na favela e é aliciado por facções criminosas. “Di menor” se mata, corre na periferia. “Di menor” na Fundação CASA também pode ser pensado como aquele que cava a fuga no tijolo de seu quarto cela que fica no terceiro andar da instituição correcional. Cavar como um rato? Cavar com uma colher e pular do terceiro andar, correr para o mato além da muralha.

Os adolescentes infratores quando na instituição frequentam uma série de orientações e oficinas, recebem apoio psicológico, assistem aulas do ensino formal tendo por objetivo o resgate de sua trajetória escolar que é um dos focos da medida sócio

educativa. Em relação à instituição destaca-se a estrutura física do lugar, a verificação do comportamento, o desejo da produção de subjetividades fáceis de serem controladas para que se mantenha a ordem e diminuam as singularidades e as diferenças. Grades amarelas, os meninos de branco e cinza. A observação de que a luz nunca chega a todos os lugares dentro do prédio. A passagem por diversos postos de vigilância ao adentrar e os procedimentos de revista padrões de segurança, a contagem de material na entrada e que ocorreria também na saída, o prédio que se organiza em andares, no superior uma quadra coberta, no do meio os quartos que abrigam os adolescentes agrupados de quatro em quatro No térreo as salas de aulas. A sala branca de portas de aço e grades amarelas abrigando uma população variável de meninos de doze a trinta variando conforme o período.

«Todo camburão tem um pouco de navio negreiro» (Falcão 1994). A população de meninos infratores que são internos e auto declarados como negros ou pardos na Fundação Casa é de 75 % de acordo com o Instituto brasileiro “Sou da paz” em levantamento feito em 2017. O Brasil conta em sua história com mais de trezentos anos de escravidão negra e meros cento e trinta e um anos de abolição. Uma população de meninos negros «pretos ou quase pretos de tão pobres» (Veloso 2000) se divide na sala de aula em cadeiras plásticas brancas ou carteiras leves, bem leves para que não se tornem armas. Evita-se ao máximo tudo que possa ser quebrado na nuca de algum agente de segurança que trabalha de vigia dos adolescentes, assim como cheguei a presenciar em um dos dias de aula. Estes meninos relatam falta de oportunidades, precariedades da periferia e engrenagens da máquina tráfico que se retroalimenta de pobreza e miséria. A cada vinte e três minutos, segundo dados levantados pela ONU (organização das nações unidas), no ano de 2017 um jovem negro foi assassinado no Brasil. Sem sombra de dúvidas há um genocídio do povo negro em marcha no Brasil e estes meninos são alvo e estão na linha de frente. A carreira no crime é curta e sedutora. Histórias de “irmãos” (que é como eles chamam os integrantes da mesma facção criminosa) mortos não os assustam. Os olhos dos meninos brilham falando de Pablo Escobar, Marcola e outros criminosos reais ou fabulados por séries de plataformas de streaming e noticiários da tv. Quantas subjetividades se dobram em um menor infrator?

Ter menos de dezoito anos no Brasil e ser infrator, por hora, significa ter sua identidade protegida, mas por outro lhe agrega a um bando “de menor”, um coletivo invisível de menores infratores que tem sua subjetividade forçada pela instituição. Esta discussão arrasta também questões sobre o que é um coletivo e atravessa a problemática desta produção em sala de aula. O trabalho de professora sempre pede um fazer atrelado a experiência, uma dimensão processual que reconhece. A atuação na Fundação Casa sempre pediu muito mais para que possa se ocupar este espaço: roupas adequadas, os sapatos baixos para que fosse possível correr em caso de rebelião, os brincos pequenos para que não fossem transformados em arma, o cabelo preso, a atribuição de tarefas constantes aos adolescentes, a observação dos protocolos de

segurança, a proibição de que os alunos fiquem em pé, a distância informada como segura da porta que fica aberta em 45°, a aprovação no relatório que esquadrinha o professor neste espaço bimestralmente. Antes de adentrar a instituição eram necessárias inúmeras revistas e contagem de materiais que seriam utilizados. Portas e grades, gaiolas (passagens nas quais existem duas grades que nunca são abertas simultaneamente), agentes de segurança, o ritmo das aulas atravessado pelo nomadismo da população da Fundação Casa, pois os meninos entram e saem de acordo com seu comportamento e duração da medida sócio educativa. Todas pistas deste mapa rizoma que se desenha por suas forças: produção de imagens e palavras e da vida neste lugar de reclusão, regido pelos fluxos.

Entrar com uma máquina fotográfica não é fácil. Dentro da instituição houveram revistas na entrada e na saída e não se manteve em sua memórias todas as imagens captadas devido a separação executada do que era adequado ou não. Instauramos um laboratório de “experimentação ancorada no real” (Pelbart 2017: 141) existente e em todos seus esgotamentos. Como permitir que a filosofia possa agir? Como produzir imagens? Como isto seria possível? Como dar vazão a estas narrativas visuais? Linhas de fuga, movimento e criação, acontecimentos.

Para produzir palavras e imagens dando impulso a uma ação poderosa de um grupo minoritário, «apostamos na força da fotografia como linguagem e não somente como registro» (Wunder 2016: 19), a imagem como criadora de devires de grupos minoritários, assim chamados não por seu tamanho ou pelo número de indivíduos que os compõem, mas sim pela exclusão pela qual passam, assim são os “di menor”. Nos últimos dias o autor David Lapoujade tem nos movido a chamá-los de despossuídos devido a suas existências questionáveis. «Você tem o direito de existir, é claro, mas não desta maneira, nem dessa outra maneira, nem de nenhuma maneira» (Lapoujade 2017: 103). “Di menor” pode existir, mas não a seu modo, deve ser reeducado pela instituição.

O que se repete no gesto? Mãos para trás, cabeça baixa. O que resiste à homogeneização da máquina institucional? Como pensar a produção de imagens em um trabalho coletivo no chão da sala de aula? Como pensar educação caminhando com conceitos da filosofia da diferença em um local de privação de liberdade?

Coletivo Invisível cria um mundo. Coletivos operam como rizomas ao arrastar todo tipo de coisas, «seu caráter complexo e múltiplo se definem pelo “fora”, porque sempre encontram suas “linhas de fuga”, mas essas linhas continuam sendo parte do rizoma» (Deleuze & Guattari 1995: 17). Como revelar um Coletivo invisível? Um moletom que respira sem rosto em um vídeo captado. Que esgotamentos atravessam esta experiência educacional? Disciplina, grades, aparatos de segurança, revistas, que impossíveis este aparato disciplinar propõe? É inegável a diferença na velocidade dos corpos dos meninos internos na Fundação Casa. O esquadrinhamento proposto, a visão panóptica que a instituição incide sobre eles, a rigorosa verificação do comportamento pautado por relatórios de conduta e revistas nesse regime de luz e segurança, faz-se necessário



considerar essa particularidade e acolhê-la para se abrir ao movimento dos encontros.

O que resiste à homogeneização da máquina institucional que esquadrinha adolescentes em cumprimento de medida sócio educativa em privação de liberdade? Este grupo de meninos, estes “di menor” formam um Coletivo invisível, pois não possuem identificação, nome ou rosto nos materiais que produziram. Este materiais trazem repetições, modos de existências possíveis, lutas encarniçadas de um bando. São desdobramentos imagéticos e textuais impregnados que nos levam a reflexão. Desenvolvemos com a criação coletiva de imagens e palavras, um plano comum com os meninos internos, uma mistura dos saberes de todos.

São as produções que nos dão pistas de algumas das diversas formas de resistência identitária destes meninos, destas «vozes que falam dos mais distintos lugares, vozes nômades daqueles que se movimentam e não se mexem» (Transversal 2013: 20). Estas jovens vidas nos apontam formas de resistência nômade. Os meninos ao adentrar a instituição têm o cabelo raspado, vestem um uniforme: camiseta branca, bermuda ou calça cinza, chinelos e blusas de moletom cinza. Tiram-lhes tudo que lhes é individual, mas estes nômades recusam-se a partir, em suas peles trazem estampadas tatuagens que apresentam símbolos que remetem ao mundo do crime: palhaços, irmãos metralha, carpas, gueixas dentre outros, recusam-se a partir e entoam músicas, funks que sustentam seus valores. Violência, coragem e medo (mãos dadas na trilha), arrependimento, exclusão, apagamentos, são devires meninos que reinventam modos de

existir vencendo as grades.

A entrada nesse fluxo dos meninos se deu de muitas maneiras: conceitos filosóficos arrastados em sala de aula, uma oficina de criação poética e experimentação fotográfica, o encontro com um conjunto de imagens dos mais diversos tipos, o contato com a câmera fotográfica em a sala de aula, solicitando respostas imagéticas a partir de perguntas, filmes. Foram exploradas a potência da imagem, da palavra e o roubo criativo dos conceitos filosóficos, rachamos as palavras para extrair delas outros, potências e palavras que rompem, agrupam-se e escapam incessantemente das instituições normatizadoras e da marginalização imposta pela miséria e pelo sistema de controle dos corpos infratores. As aulas buscaram lidar com os fluxos todos desta atmosfera, com o movimento, a visão panóptica que a instituição incide, a rigorosa verificação do comportamento pautado por relatórios de conduta e revistas neste regime de luz e segurança. Em um local vigiado, normatizado espaço limite, grades, portas, quartos-celas, sujeição e domesticação, mãos para trás, vigilância constante, disciplina, gestos controlados, aprisiona-se, domestica-se, silencia-se. Desejo de produção de subjetividades fáceis de serem controladas para que se mantenha a ordem e diminuam as singularidades e as diferenças.

J. pula de um lado para o outro em um pé só, pois uma bala ainda jaz em seu tornozelo. P. com apenas metade do pé esquerdo ri enquanto me interroga: - E meu pé vai crescer? São estas marcas e tantas outras que escrevem. Justiça que se escreve na pele caminhando lado a lado com os símbolos religiosos que trazem estampados. Versículos da bíblia inscritos nas paredes brancas da instituição, nos cadernos, “Jesus” leio no braço de um dos meninos, pichações santas nas paredes.

Passamos então a reparar em uma relação que ocorre entre os muitos eus destes meninos e que exige esse novo corpo que vai se fazendo de fluxos, de inúmeras experiências que os agregam a um bando sem rosto, a um Coletivo invisível. A Fundação Casa impõe um novo fluxo ao menino, este fluxo cria o corpo novo do menino. Este novo corpo não possui nome, mas possui marcas, neste novo corpo encontramos proliferações de imagens que tingem a pele, que trazem a tona a subjetividade deste menino e deste grupo “de menor”, que se dobra em muitos. Um grande rizoma, um coletivo «em que já não tem qualquer importância dizer ou não EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados» (Deleuze & Guattari 1995: 11), somos utopia do presente.

O que resta depois que se retira tudo que é identitário de um adolescente: a liberdade, a roupa, o gesto, o cabelo, a palavra? O que vaza de um vetor de bando? Coletivo invisível é bando, marcas que escrevem na Pele, que trazem palhaços, fazem referência ao Primeiro Comando da Capital vulgo PCC, desenham em seus cadernos com uma única caneta Bic que entrou contrabandeada na instituição. Marcas que dizem por que em uma das vezes havia cheiro de maconha dentro da sala de aula. Subjetividades que em linhas de fuga em algum quarto cela praticam o culto satanista ou que trazem seus

corpos imagens da Virgem Maria, Jesus, crucifixos, terços e que entendem que deus corre do lado deles. Corpos que passam por estados inéditos e que recebem novas marcas dentro da instituição. O que estou chamando de marcas, «são as marcas que escrevem, escrever traz notícia das marcas, estados inéditos que Exatamente os estados inéditos que se produzem nosso corpo a partir das composições que vamos vivendo» (Rolnik 1993: 2). Encontrar e achar. Estratégias do desejo destes menores, violência, delinquência intensidade, movimentos desse desejo, entrega ao crime, chamados diversos da fome, da dor, da oportunidade escassa em uma vida inteira, chamados da vida, entrega. Exigências que criam novos corpos. Meninos que compõem e escreve, que fotografam e desenham nas aulas oficinas de filosofia.

Dentre as oficinas destacamos as realizadas pelo Coletivo Fabulografias em conjunto com o Núcleo de Leitura da ALB (Associação de Leitura do Brasil). Desde o ano de 2010, como membro integrante do coletivo, nestas oficinas acessamos «modos de pensar com as imagens menos como representação de um mundo» (Wunder 2015: 14). A pergunta disparadora: “Que Áfricas ventam por você?” passou por inúmeros lugares até adentrar os muros da Fundação Casa. Foram oficinas com grupos de cultura popular, estudantes universitários, artistas e outros, nestas oficinas trabalhamos com imagens, palavras e literatura africana e afro-brasileira. Palavras trazidas de outros cantos, de outro continente, de grupos de cultura popular e dança dentre outrosde outras oficinas realizadas durante os muitos anos de atuação do projeto.

Um banquete de imagens posto em uma mesa. Coletivo Fabulografias entra vento na Fundação CASA e encontra grades, portas, janelas, corpos submissos de meninos presos, institucionalizados, esquadrihados. O que vaza pelas frestas com este vento? Uma mistura de saberes e pessoas dos mais diversos seguimentos das artes e educação, de diversos grupos de cultura popular brasileiros e estudantes de graduação da Unicamp. São Áfricas atravessadas por devires, vibrantes, coloridas, ventadas de tantos cantos e pessoas. Travessias atlântidas fabuladas por muitas mãos, olhares, sorrisos, danças, imagens, recortes, devires africanos diversos, elementos sutis, sagrados, profanos, belos e rudes. Sonoridade, liberdade, desdobramentos e dança, resiliência, luta, escravidão. Coletividade que une e liberta. Uma África guerreira. Imagens trabalhadas inúmeras vezes por pessoas distintas. Imagens coletivas, fabulações de um bando, imagens devires atravessadas por um gesto maior do que o do próprio artista.

Fabulografias traz desejos de desequilibrar o caráter autoral das fotografias, bem como das produções escritas, para que se deixem atravessar por composições numa criação colaborativa. Diferentes pessoas se integram ao Coletivo que conecta afinidades e possibilita a desestabilização da autoria criando fotografias cada vez mais complexas, pois todos que participam das oficinas efetuam mudanças nas obras. São imagens de Áfricas perdidas nas brumas da memória, de uma África ancestral, conhecida, quase tátil. O que vaza da criação destas imagens dentro da instituição? Que fabulações trazem? Áfricas. Deslocamentos inventivos de conceitos filosóficos. Tambor que ecoa para além

dos ferros, resistência. Imagens passagens, imagens de uma África de memórias criadas ou vividas.

Áfricas ancestrais que nunca nasceram, áfricas sementes. Postais que espalham vozes, imagens que gritam tambores, silêncios que ensurdecem mundos. Travessias inventadas, fabuladas, imaginadas, intensidades, afetos, linhas diversas que se encontram. Linhas de fuga de uma alquimia constante. Africanidades de devires meninos, meninos presos.



O que vaza da criação destas imagens dentro da instituição? Que fabulações trazem? Áfricas. Deslocamentos inventivos de conceitos filosóficos. Tambor que ecoa para além dos ferros, resistência. Imagens passagens, imagens de uma África de memórias criadas

ou vividas. Áfricas Atlântidas de travessias inventadas, fabuladas, imaginadas, intensidades, afetos. Atravessamentos, linhas diversas que se encontram. Linhas de fuga de uma África mutável, alquimia constante. Africanidades de devires meninos.

Nestes encontros trabalhamos com fotografias experimentais e a “aposta na imagem como disparadora de pensamentos” (Wunder 2015: 13), com o intuito de deslocar a visão do trivial e do representacional da fotografia e desenvolver relações menos ilustrativas. Rupturas visuais que pretendem desequilibrar a ideia de que a fotografia é uma representação do mundo que vemos, imagens como criadoras de visões, um modo de pensar, uma forma de atuação do pensamento e do corpo não como captura de olhares.



Uma imagem que não é plana, uma imagem viva que se insere no corpo, o corpo como uma tela, o corpo como imagem, o corpo como superfície escrito pelas marcas, permanência, uma imagem que age. Uma imagem como uma complexidade e multiplicidade de forças, que se repete para deferir, para captar dentro de um rizoma, captar acontecimentos. Composta, estados de variação e de esgotamento que a instituição e a vida neste local de reclusão impõem: fluxos de entrada e saída de adolescentes, momentos de extrema tensão posteriores a uma rebelião, avaliações constantes de conduta, contagem de materiais, dentre outros.

Imagens são percursos e relações, permanência, imersão, possibilidades de fugir de clichês de representação e gerar imagens comandadas pelo corpo, fluxos que arrastam todo tipo de coisa, retenções, larvas, germes. Como produzir imagens acontecimentos? O que conta na imagem é a energia. Uma imagem que possui desejo de resistência, que provoca debate antes jamais pensados. Cada movimento dentro da Fundação Casa produziu ao seu redor uma fissura que extrapolada a normalidade da instituição. Vidas que estão por um fio. Produções de quem muito moço convive com a morte e a destruição, já ultrapassou o limite da vida,

palavras e imagens indomáveis que nos tiram o e dobram-se em outras formas de viver. Possíveis formas de resistência.

Trabalhamos com fotografias experimentais e a «aposta na imagem como disparadora de pensamentos» (Wunder 2015: 13), com o intuito de deslocar a visão do trivial e do representacional da fotografia e desenvolver relações menos ilustrativas. Rupturas visuais que pretendem desequilibrar a ideia de que a fotografia é uma representação do mundo que vemos, pensamos imagens como criadoras de visões, uma forma de atuação do pensamento e do corpo não como captura de olhares. Pretendemos ao longo deste trabalho compreender que linhas estão conectadas: «acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais» (Deleuze 1995: 17). Quanto as produções do menino nos interessam as potências das imagens-palavras, deixar que rompam, agrupam-se e escapem incessantemente das instituições normatizadoras e da marginalização imposta pela miséria e pelo sistema de controle dos corpos infratores.

Recebemos provocações, palavras que escapam em meio ao silêncio, que estampam a pele, efemeridades que estampam as paredes, que inventam uma nova língua, resistência, uma máquina de imagens e palavras, um coletivo de murmúrios, vozes, palavras que não são ouvidas e que tomam forma e espaço. Potências das imagens-palavras que rompem, agrupam-se e escapam incessantemente das instituições normatizadoras e da marginalização imposta pela miséria e pelo sistema de controle dos corpos infratores. e palavras coletivas, as produções que arrastam, palavras que tiram o fôlego. Visões, um modo de pensar, uma forma de atuação do pensamento e do corpo não como captura de olhares. São visões, palavras e imagens indomáveis de quem muito moço já ultrapassou o limite da vida. São imagens e palavras que sequestram o ar. Vidas que estão por um fio e que cotidianamente convivem com a morte e a destruição - companheiras desta trilha - e buscam outras formas de viver, efeitos, itinerários, força dos encontros, dobras produzidas, tudo isto se mostra conforme se habita os territórios. Implicação, produção, conexão de redes, um verdadeiro rizoma, assumir que a realidade toda se comunica.

BIBLIOGRAFÍA

- Deleuze, G. (1992). *Conversações, 1972-1990*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Deleuze, G. (2010). *Sobre o teatro: O esgotado*. Rio de Janeiro: Zahr.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1977). *Kafka. Por Uma Literatura Menor*. Editora Imago.
- Falcão (1994). *Todo Camburão tem um pouco de navio negreiro*. Musica.

- Pelbart, P. P. (2017). *O avesso do nihilismo: cartografias do esgotamento*.
- Rolnik, S. (1993). "Pensamento, corpo e Devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico". *Cadernos de Subjetividade*, v.1 n.2: 241–251.
- Vilela, E., & Bárcena, F. (2006). "Acontecimento". In Carvalho, A. D. (coord.). *Dicionário de filosofia da educação*. Porto: Porto Editora, 14-19.
- Wunder, A. (2009). "Uma educação visual por entre a literatura, fotografia e filosofia". *Políticas Educativas*. v. 3, n.1, 65 -78.
- Wunder, A. (2016). *Políticas e Poéticas do Acontecimento: do silêncio a um risco de voz*.
- Wunder A., Marques, D., & Rodrigues De Amorim, A. (2016). "Pesquisa-experimentação com imagens, palavras e sons: forças e atravessamentos". *Visualidades*, 14(1). <https://doi.org/10.5216/vis.v14i1.43043>.
- Veloso, C. (2010). *Haiti*. Musica.